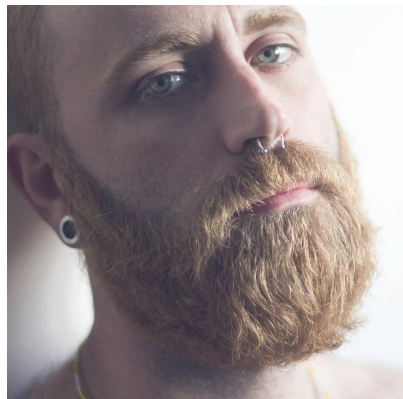


BOLETIM DO GRUPO PET CR-UFPEL



Por André Maragno
Bolsista do Grupo PET CR

PET  Conservação e Restauro



EDITORIAL

A FORÇA MOTRIZ

EXPEDIENTE

O Boletim PETCR é uma publicação semestral do grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo das ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador e Restaurador. São autores dos números integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o email do grupo (pet.cr@bol.com.br).

Coordenadora do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais e Móveis da UFPEL
Karen Velledas Caldas

Bolsistas do grupo PET C&R da UFPEL

Bolsista PET CR/UFPEL Ana Carolina Kohn Behling
Bolsista PET CR/UFPEL André Luís Maragno
Bolsista PET CR/UFPEL Bárbara Moraes
Bolsista PET CR/UFPEL Claudia Maria Bitencourt Carvalho
Bolsista PET CR/UFPEL Eloísa do Carmo de Oliveira
Bolsista PET CR/UFPEL Juliana Cavalheiro Rodighiero
Bolsista PET CR/UFPEL Larissa Rodales da Fonseca
Bolsista PET CR/UFPEL Milena Missai Tsutsui de Oliveira
Bolsista PET CR/UFPEL Mirella Moraes de Borba
Bolsista PET CR/UFPEL Pamela Pereira de Pereira
Bolsista PET CR/UFPEL Rafael Nolasco
Bolsista PET CR/UFPEL Simone Bittencourt de Freitas

Voluntária

Cintia Tamborindeguy Carvalho

Produção projeto gráfico

Bruna Peres Cardoso

Tutora Grupo PET C&R UFPEL

Prof^ª. Dr^ª. Francisca Ferreira Michelin

Site:

conservacaoerestaurao.wix.com/pet-cr

Endereço:

Rua Lobo da Costa 1877; CEP: 96010-150, Pelotas - RS

 PET Conservação e Restauro UFPEL

2016 não foi um ano fácil. Muitos passos foram dados em diferentes direções, e o quão relevantes foram todos esses caminhos abertos. As instituições educacionais brasileiras (de toda ordem) passaram por mudanças drásticas e nossa universidade recebeu os respingos dessa tormenta. Conhecemos um novo reitor, enfrentamos mais uma greve e vimos mobilizações dos grupos PET em prol de melhorias. Em todos – quase todos – os acontecimentos que nos cercaram, a força motriz sempre foi a esperança de melhorias. Nosso trabalho foi cercado desse desejo e acima de tudo, marcado pelo esforço.

Agora estamos prestes a terminar o ano e a edição de fechamento não poderia vir mais carregada de nostalgia: alguns dos momentos mais marcantes do grupo PET Conservação e Restauração em 2016 foram selecionados para este boletim: a participação de nossos petianos na VI Jornada Carioca de Conservação e Restauração na cidade do Rio de Janeiro, que reuniu pela primeira vez representantes discentes das três universidades federais que abrigam graduações de Conservação e Restauração para um importante debate sobre os rumos da profissão; Temos também o relato da viagem didática de alguns petianos, de nossa tutora e também da profa. convidada Nôris Leal rumo às ruínas históricas e o museu de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul e uma entrevista com a coordenadora do curso, Karen Caldas, sobre um importante trabalho de restauro.

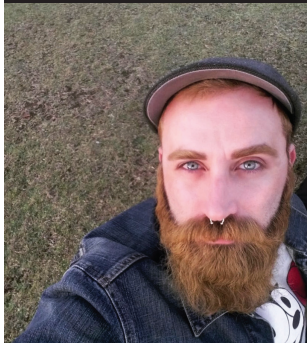
Para encerrar, duas entrevistas muito especiais que assinalam um grande momento na história de nosso PET: uma com a despedida da profa. Francisca Michelin, que durante seis anos esteve à frente da tutoria, deixando um legado de dedicação, carinho, ética e profissionalismo e outra com a apresentação de nossa nova tutora, a profa. Daniele Fonseca, também docente do curso de Conservação e Restauração, sobre a expectativa do trabalho e as novas idéias.

Desejamos que as mudanças plantadas em 2016 floresçam em 2017, trazendo boas mudanças, boas ações, novas atividades e maiores integrações a todos.

Obrigado por tudo, prof^ª. Francisca! Seja muito bem vinda, prof^ª. Daniela. Boas festas e boa leitura.



RELATOS



Por André Maragno
Bolsista do Grupo PET CR

VI JORNADA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO E IV SEMANA CARIOCA DE PRESERVAÇÃO

A VI Jornada de Conservação e Restauração e IV Semana Carioca de Preservação promovida pelo corpo discente do curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, juntamente com o Laboratório de conservação e restauração- LACRE e em parceria com a Associação Brasileira de Conservação e Restauração - ABRACOR, durante os dias 24, 25 e 26 de outubro 2016 na capital carioca teve como tema principal a “Conservação no Brasil: Passado, Presente e Futuro”.

Durante três dias estudantes, docentes e profissionais da área acompanharam, além da apresentação de trabalhos e pesquisas concluídas, palestras de importantes profissionais e pesquisadores (inclusive internacionais) sobre história da conservação e restauração, além de importantes avanços e novas pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre ciência da conservação, área de estudo multidisciplinar que envolve profissionais de diversas áreas do conhecimento para aperfeiçoar, através de tecnologia de ponta, exames e caracterizações de bens culturais, visando diagnosticar e precisar a melhor forma de tratamento e/ou conservação preventiva. Também foram apresentados trabalhos e mesas redondas com profissionais sobre os desafios da preservação de acervos em instituições no Brasil, conduzindo as reflexões para o futuro da profissão, que encara novos olhares face à modernização ao mesmo tempo em que luta contra precarizações de acervos e reservas técnicas.

Alunos e petianos do curso de Conservação e Restauração da UFPel também apresentaram trabalhos, incluindo pesquisas concluídas desenvolvidas exclusivamente nesta instituição, principalmente sobre conservação de artefatos arqueológicos.

Um dos grandes momentos do evento foi a emocionante palestra proferida por Gilcy Marques, responsável pelo acervo da biblioteca da câmara dos deputados de Brasília, a respeito dos desafios da profissão, ressaltando a importância do estudo, da pesquisa e constantes atualizações. A pesquisadora citou como exemplo a restauração das plantas originais do palácio do Planalto e da Esplanada dos Ministérios, feitas pelo arquiteto Oscar Niemeyer cedidas para uma exposição sobre arquitetura moderna no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). O trabalho minucioso e o cuidado no transporte motivaram a instituição americana a solicitar um curso de capacitação de sua equipe por parte dos profissionais brasileiros para ensinar as técnicas utilizadas no restauro das obras. Segundo Gilcy, esse exemplo destaca não somente o reconhecimento do esforço pela excelência, mas também o prestígio que o Brasil têm na comunidade internacional,

ressaltando a necessidade de aperfeiçoamento e encorajando os futuros profissionais a seguirem com pesquisas. Por fim, Gilcy falou sobre a regulamentação da profissão. Ressaltou que sem a coesão dos profissionais para exercer pressão na câmara dificilmente algum projeto será aprovado, convocando mais uma vez os estudantes para maiores mobilizações.

No passo da mobilização, a Jornada Carioca conseguiu um feito histórico, reunindo pela primeira vez, representações discentes das três universidades que oferecem curso de graduação em Conservação e Restauração. Juntos, os estudantes debateram a respeito das formações diversificadas, dos desafios enfrentados por cada curso e do futuro profissional que os aguarda. Juntos, elaboraram uma carta destinada à ABRACOR, que atualmente passa por dificuldades, para integrar através de plataformas online as necessidades e melhorias desejadas pelos docentes, para facilitar o caminho do futuro profissional.

A Jornada, graças ao trabalho árduo dos discentes organizadores, cuja menção honrosa cabe aqui, além de promover uma importante integração, plantou sementes que prometem florescer nos próximos anos, num trabalho contínuo de busca por aperfeiçoamento, troca de conhecimento e melhorias profissionais.



Da esquerda para direita: Daniela Lima e Mayra Cortes, discentes da UFRJ, André Maragno, discente da UFPel, a profa. Bemvinda Ribeiro, da UFRJ, e Rita de Cassia Assis, representante discente da UFMG. Foto: Sheila Araújo.



UMA TARDE PELOTENSE

Por Rafael Nolasco
Bolsista do Grupo PET CR



Final de ano em Pelotas. Mais uma tarde deveras quente. Não posso reclamar, o dia estava lindo e propício para um passeio. Eu até já tinha escolhido a minha rola: decidi passear pelo centro de Pelotas, iniciando pelo Mercado Municipal seguindo para o calçadão e finalizando na Praça Cel. Pedro Osório.

Ao iniciar o passeio pelo Mercado, decidi parar para cortar meu cabelo. Passei no Barbearia do seu João. Ele é um senhor que já trabalha naquele estabelecimento há 30 anos. Com um cadinho de prosa, ele me conta como está treinando seu genro para aprender o ofício, que ele aprendera com seu pai. Estava muito feliz, fazendo piadas e contando causos. Segundo ele, fazia tempo que os jovens não se interessavam em aprender o ofício de barbeiro. Terminado cabelo e barba, segui todo recém tratado para o Calçadão: um bom lugar para encontrar amigos e, claro, aproveitar para me deliciar com um maravilhoso doce pelotense. Passo na barraca de dona Maria. Ela, apesar do dona, é bem jovem. Herdou o nome de sua mãe, doceira tradicional que, segundo ela, aprendera de uma portuguesa os segredos para se fazer um perfeito fio de ovos. A nova dona Maria também herdou as receitas dos doces de sua mãe. Como resistir a esses doces?

Ao seguir o meu passeio, por uma infelicidade, tropeço e meu sapato descola o seu solado. Mas não me preocupo pois sei que ao lado há a Sapataria Central do seu Manoel. Faço meu caminhar pé com bota, pé descalço até a sua loja. Mas

algo não parece certo: a loja se encontra com uma placa de “vende-se” na entrada. Adentro. Seu Manoel abre um sorriso e, rapidamente, pega meu calçado. Colocamos a conversa em dia e pergunto o porquê da placa na entrada. Seu Manoel me explica que os negócios não vão bem. Ele recebe alguns pedidos de ajuste e pequenos reparos, mas o que ele gosta mesmo é de fazer novos calçados. Devido a falta de um aprendiz, ele tem medo que o seu negócio não continue. Nenhum de seus filhos se interessou pelo ofício de sapateiro. Então, muito amargurado, ele pretende fechar as portas e se aposentar de vez. Foi aí que me dei conta: eu decidi passear por Pelotas para ver a cidade e no final eu acabei passeando pela cultura pelotense. O novo aprendiz do seu João, a barraca da dona Maria e agora a Sapataria Central do seu Manoel: todos são lugares de saberes, diferentes saberes aprendidos e repassados por anos. Todos são a cultura pelotense. Estão vivos, como a cidade. Ao chegar a essa conclusão, eu não poderia ver seu Manoel assim. Expliquei a importância do seu conhecimento aprendido e desenvolvido por anos e de como seria triste vê-lo ser esquecido. Terminada nossa prosa, o sapato já estava consertado. Estava como novo. Mais uma vez, um ótimo trabalho! Mas eu não sei se fez efeito o que falei para seu Manoel. Acredito que sim. Hoje mesmo, eu passava em frente a sua loja e no lugar da placa de “vende-se”, havia outra, na qual se lia: “contratamos aprendizes”.



Mercado Público de Pelotas
fotografado por Rafael Nolasco



RELATOS

VISITA TÉCNICA AO MUSEU DAS MISSÕES

“O ‘MUSEU’ DEVE SER UM SIMPLES ABRIGO PARA AS PEÇAS QUE, TODAS DE REGULAR TAMANHO, MUITO LUCRARÃO VISTAS ASSIM EM CONTATO DIRETO COM OS DEMAIS VESTÍGIOS...”

LÚCIO COSTA

Por Francisca Ferreira Michelin
Tutora do Grupo PET CR

Nos dias 15 e 16 de dezembro, o Grupo PET Conservação e Restauro realizou viagem à cidade de São Miguel para proceder à visita técnica ao Museu das Missões.

O Museu das Missões faz parte do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, situado na cidade de São Miguel, no Noroeste do Rio Grande do Sul. As impressionantes ruínas da antiga redução de São Miguel constituem o sítio mais bem preservado e importante do conjunto dos Sete Povos das Missões, no Brasil. Em São Miguel é possível sentir o que foram as Missões Jesuíticas dos Guarani e, com o estímulo que o sítio provoca no visitante, imaginar como era viver nessas reduções nas primeiras décadas do século XVIII.

O sítio de São Miguel das Missões foi incluído na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO em 1983, juntamente com as ruínas de San Ignacio Miní, Santa Ana, Nossa Senhora de Loreto e Santa María Mayor, que se localizam na Argentina. A principal atração é a ruína da Igreja construída em pedra gres, entre 1735 e 1745. A silhueta da ruína é a principal marca do sítio, pela integridade da informação que transmite. O Museu das Missões, situa-se dentro do Parque e guarda uma coleção de esculturas sacras em madeira que pertenceram às reduções dos Sete Povos. A história de como essas esculturas foram recolhidas para formar o Museu é, em si, um caso a ser contado e pensado. Tem-se a impressão, estando lá, que as árvores, a terra, os descendentes dos índios que viveram essa história, sincronizam uma memória que solicitam a eternidade.

Um acontecimento recente esteve na raiz da visita aqui relatada. Na noite do dia 24 de abril deste ano de 2016, um tornado passou impiedoso em São Miguel. A prefeitura registrou mais de 40 árvores do sítio derrubadas pelo vento, dentre elas, várias que faziam parte do espetáculo de som e luz que vem sendo apresentado desde os anos de 1970 no local. As ruínas da antiga igreja não registraram qualquer avaria. Os que lá estavam e outros que por esses souberam, contam que o telhado da sacristia da velha igreja voou por alguns segundos, como se fosse erguido por uma imensa mão de vento e voltou ao mesmo lugar, sem romper-se. Não foi o que aconteceu ao Pavilhão Lúcio Costa e ao Museu das Missões, que nele se encontra. A edificação da década de 1940, projetada por Lúcio Costa, então presidente do recém criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ao modo de um alpendre missioneiro, teve os seus painéis de vidro estilhaçados. Os estilhaços se lançaram sobre as esculturas do interior do Museu.

As obras foram empurradas pelo vento furioso para fora do pavilhão, algumas já cravejadas de cacos de vidro, e espalharam-se pela grama do parque. Os funcionários do Museu, do Parque e voluntários correram a salvá-las da chuva que veio a seguir. Foram 83 peças, de diferentes tamanhos,

que sofreram danos mais intensos que o peso e as histórias dos séculos de sua existência. Hoje, recolhidas, aguardam por intervenção de restauro.

A presidência do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), responsável pelo Museu das Missões, está em tratativas com o Curso de Conservação e Restauro da UFPel para o estabelecimento de um acordo visando o desenvolvimento do trabalho de restauro das obras. O acordo envolverá a Unesco e o Programa Ibermuseus no intuito de viabilizar os restauros a serem feitos.

É no âmbito dessas ocorrências que o Grupo PET realizou a visita técnica ao Museu das Missões. Os petianos que participaram da viagem foram: Ana Carolina Kohn Behling, Bárbara Moraes, Eloisa do Carmo de Oliveira, Larissa Rodales da Fonseca, Mirella Moraes de Borba, Pamela Pereira de Pereira e Rafael Nolasco. Acompanharam os alunos, a atual tutora, Francisca Michelin, a tutora selecionada, Daniele da Fonseca e Nórís Leal, professora do Curso de Museologia.

O grupo foi recebido pela museóloga Andréa Rodriguez e pelo historiador Diego Vivian, ambos responsáveis pelos setores de comunicação e pesquisa do Museu. A visita, orientada por eles, esclareceu aspectos referentes à história da redução e das obras, procedimentos adotados para o salvamento do desastre e as questões mais prementes para o tratamento das peças avariadas.

Uma vez estabelecido o acordo de cooperação entre o IBRAM e a UFPel, o Grupo PET poderá participar das ações de restauro previstas e guardará na sua trajetória a honra de ter se dedicado a um acervo que importa e pertence, hoje, à humanidade.



Bolsistas do Grupo e professoras na frente da ruína da Igreja da Redução de São Miguel.

ENTREVISTA SOBRE O RESTAURO DAS OBRAS DO MUSEU DAS MISSÕES

ENTREVISTA COM KAREN CALDAS

Coordenadora do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis

Por Simone Bittencourt de Freitas
Bolsista do Grupo PET CR



Simone Bittencourt e Karen Caldas (direita) no Museu do Doce da UFPel.

1. Como surgiu a possibilidade do restauro das obras do Museu das Missões ser feita pelo Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel?

Em abril desse ano (2016) quando houve o tornado que lançou as obras do Museu no meio do gramado do Parque das Missões, a notícia foi veiculada em vários jornais e na internet. Houve um contato nosso com o Museu. Inicialmente, o IBRAM, que é o órgão responsável pelo Museu lançou uma nota dizendo que teria intenção de fazer uma parceria com a UFPel. Então, foi esse contato, inicialmente feito pelo IBRAM e pelo retorno que demos para o Museu. Há uma questão de proximidade entre o Curso de Conservação e Restauração com o Museu das Missões que contribui para que o trabalho seja feito aqui.

2. Como será a metodologia apresentada para o desenvolvimento desse trabalho?

Eu, a Professora Micheli (Afonso), a Professora Daniele (da Fonseca) e a Professora Andréa (Bachettini), fomos ao local fazer uma visita técnica para conhecer melhor o acervo e a situação na qual se encontrava após o sinistro. Lá, fizemos um pré-diagnóstico e com base nesse, se estabeleceu a metodologia para desenvolvimento do trabalho. São 87 obras que foram vistoriadas. Três são em pedra e o restante é em madeira policromada, do qual a maioria já perdeu grande parte da policromia. Em algumas há um remanescente considerável. O desejo inicial do IBRAM é que fosse montado um laboratório nas Missões que pudesse ser acompanhado pelas pessoas de lá. Isso seria impossível porque seria inviável o deslocamento de professores e alunos por um tempo considerável, por conta do volume de trabalho que deve ser realizado. Assim como

há obras de menos de 50 cm, há outras com mais de 2 metros, que pesam meia tonelada, por exemplo. São obras grandes e com grande complexidade de intervenção. Então, o que se pensou para resolver a questão do volume, relacionado aos problemas que elas se encontram, foi dividi-las em lotes. A ideia é deslocar os lotes um de cada vez para Pelotas em períodos de 8 meses. Criáramos aqui um laboratório exclusivo para o tratamento dessas obras. Porque esse laboratório é especial para o trabalho? Vários motivos. O primeiro trata-se da segurança. Essas obras, ligadas à UNESCO por fazerem parte do Parque das Missões, são patrimônio da humanidade e um dos acervos mais importantes do Rio Grande do Sul e do País. Além dessa questão, pensamos que um laboratório exclusivo permitiria um acompanhamento mais cuidadoso. O fato das atividades do laboratório serem desenvolvidas só com essas obras possibilitará ter um controle maior sobre o trabalho, não sofrendo interferência de outros que pudessem estar sendo desenvolvidos. Não seria possível, por exemplo, desenvolver esse trabalho em um laboratório de ensino, porque a circulação de outras pessoas de forma intensa iria interferir no trabalho embora se pretenda que alunos estejam envolvidos. Resumindo, o laboratório deve ser exclusivo, as obras viriam por lotes. Os lotes seriam formados por obras reunidas por critérios de tamanho, do estado de conservação (se crítico ou não, se há infestação biológica ou não, seu grau de representatividade e destaque no acervo). Outra questão importante, essas obras passariam por exames de caracterização físico-química e documentação científica que além de ser uma forma de nos possibilitar maior conhecimento e segurança para a intervenção, também constituem objeto de pesquisa do meu doutorado. Assim, uma coisa contribui com a outra. Outro ponto interessante é que dentro desta metodologia se poderá musealizar as restaurações. A ideia é de que esse laboratório tenha visitas guiadas de escolas e da comunidade, que possam verificar como funciona o processo de restauração. Seria uma forma das pessoas visualizarem o trabalho do conservador-restaurador e também uma forma de fazer com que a profissão seja reconhecida pela comunidade, além de fazer com que o acervo seja divulgado e apreciado em regiões diferentes das missões, porque estaria aqui em Pelotas. Outra questão ainda, são as exposições. Pensa-se em fazer uma exposição a cada lote restaurado aqui e de acolhida das obras restauradas no Museu das Missões. Seria mais uma forma de divulgar o trabalho e o acervo.

3. Quais serão as principais atividades a serem desenvolvidas?

Todo o processo de conservação e restauração será desenvolvido nessas obras. Pensa-se em fazer um trabalho bastante completo que faça interface com outros cursos,



aplicando de fato a interdisciplinaridade que é característica da área. Há previsão de atuação de alunos bolsistas da história, das artes, da química, além da conservação e restauração e da museologia, para que em termos de publicação de todo o levantamento histórico, iconográfico, iconológico concomitante com a caracterização físico-química dessas obras. Dentro dessa avaliação completa, a ideia é trabalhar com a metodologia da Bárbara Appelbaum que sistematiza o trabalho do início ao fim, abordando as obras de modo mais aprofundado, não só sob a perspectiva técnica, mas percebendo-a na sua representatividade, na sua não-materialidade. A ideia é tentar envolver a comunidade das Missões e, naturalmente, o IBRAM nas tomadas de decisão de critério de intervenção. Então, em linhas gerais, as principais atividades são relacionadas a avaliação pontual dos danos, levantamentos histórico, hagiográfico, iconográfico e iconológico e caracterização físico-química. A partir disso trabalhar na recuperação das obras. Para que entendam melhor o problema, há que se destacar que essas obras foram jogadas a metros de distância no sinistro. E como as esquadrias do Museu eram de vidro, e não se tratava de um vidro adequado, as obras ou quebraram ou ficaram cravejadas de vidro. Então, há um grande trabalho de recuperação nesse sentido. O que agrava ainda mais é a própria condição em que essas obras estavam. Talvez a maioria das pessoas não saiba, mas quando, por orientação de Lúcio Costa, o SPHAN decide montar o Museu, essas obras foram sendo recolhidas de Igrejas, de Escolas, de particulares, enfim. Ou seja, muitas dessas obras, quando extintas as Missões Jesuíticas, ficaram abandonadas, por mais de cem anos e depois, guardadas de forma inadequada, provavelmente por desconhecimento das pessoas que as resgataram. Elas sofreram demais com a ação do tempo e pela má conservação e essa fragilização agravou ainda mais a ação do sinistro. Portanto, a princípio as atividades serão essas, de conservação e restauração baseada em critérios e princípios aprofundados. Já se identifica a necessidade de desinfestação, higienização, de consolidação do suporte e da capa pictórica, algumas reintegrações de suporte e de lacunas de pintura. Isso terá que ser avaliado do ponto de vista de critérios metodológicos de conjunto. Não se tem ideia de intervir na caracterização das obras, porque nosso principal critério é o respeito à pátina. Ou seja, há uma série de questões a serem avaliadas e muito trabalho.

4. Qual será a importância do Curso sediar este trabalho?

É muito importante para o Curso, para o Museu das Missões e para o IBRAM nosso curso sediar esse trabalho. É importante em função de se trabalhar dentro de uma perspectiva regional e profissional: somos uma das três graduações da área dentro do país e a única que está próxima ao Museu; e esse acervo é do Rio Grande do Sul e pode trazer reforçar ainda mais sua contribuição para a Região Sul. Para o curso, é o momento de uma projeção local, regional, nacional e até internacional, em função da representatividade que esse acervo tem e do tamanho do projeto, que está previsto para se dar em cinco anos. É muito extenso. De modo mais abrangente, esse projeto é uma grande oportunidade de aprendizagem, de conhecimento e reconhecimento da área, de trabalho interdisciplinar, de possibilidades de publicações. É uma conjunção ímpar para os alunos e profissionais envolvidos. Um grande momento do

Curso de Conservação e Restauração e do Curso de Museologia.

5. Para os alunos do Curso, o que significará o desenvolvimento desse trabalho? E para o Museu que sediará o laboratório de restauro?

A questão do significado desse trabalho para os alunos do Curso é de que será uma oportunidade única de atuar com um acervo de projeção internacional cuja complexidade é imensa. Entendo que quem for trabalhar com esse acervo terá uma oportunidade rara de desenvolvimento pessoal e profissional. Será maravilhoso. Pode ser a grande oportunidade de se profissionalizar em uma área bem bacana, a de madeira, principalmente de imaginária sacra. Para o Museu do Doce, que sediará o laboratório específico por meio de uma parceria com o projeto, será uma oportunidade incrível de fazer a interface com outro museu tão importante e representativo como o das Missões: será um momento propício para a criação de inúmeras atividades de educação para o patrimônio, uma grande oportunidade de evidência ao Museu do Doce pelas exposições que ocorrerão e pela musealização das restaurações. Significará um momento de destaque e de volume de circulação de pessoas muito grande no Museu do Doce. É natural que um acervo dessa importância aumente a visitação. E no momento que o visitante ingressa para ver a restauração ou as exposições das obras restauradas, já está, também, visitando o próprio Museu e suas exposições. Quando se pensou no Museu do Doce foi com essa intenção, a de colaborar com o desenvolvimento do nosso Museu que é tão rico e que tem tanto potencial. Tudo caminha para ser um belo trabalho que enriquecerá a todos.

Comentários finais

Considero relevante destacar a importância desse projeto para todas as instituições e pessoas envolvidas. Todos têm a ganhar. Não colhemos somente os nossos Cursos. Lucram o Museu das Missões, o IBRAM, a UFPel e também a área da Conservação e Restauração. É papel da Universidade pensar também no egresso, onde e de que forma irá atuar profissionalmente. Portanto, quando se engrandece uma profissão, quando se criam condições para que essa profissão seja vista e reconhecida pela sociedade, se está contribuindo com o egresso. Enquanto instituição de ensino superior, no presente, esse projeto é também super importante porque deverá envolver um volume financeiro considerável, pelo volume de obras implicadas e porque abrange outras instituições. Por essa razão, precisamos que a Instituição dê o aporte necessário para que possamos avançar no convênio com o IBRAM. Com a nova gestão, que assume a partir de janeiro, esperamos poder contar com o empenho técnico e o interesse institucional para concretizar as ações necessárias. De início, já contamos com o apoio da direção do ICH, do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Museu do Doce e do interesse da futura Pró-Reitora de Extensão e Cultura. Agora é uma questão de por em prática. Tem tudo para dar certo e ser o grande trabalho dos Cursos de Conservação e Restauração e Museologia.



ENTREVISTA

FIM DE ANO: O QUE MARCOU O GRUPO PET CONSERVAÇÃO E RESTAURO EM 2016

Por Claudia Maria Bitencourt Carvalho
Bolsista do Grupo PET CR

Em agosto de 2016 a Professora Francisca Michelin comunicou ao grupo que ao finalizar seus seis anos de tutoria junto ao grupo iria solicitar ao CLAAPET UFPel a abertura de processo seletivo para ingresso de novo tutor. Efetivamente, a solicitação foi feita e o Comitê encaminhou o processo em dezembro, quando foi selecionada a Professora Daniele Baltz da Fonseca. A entrevista abaixo, realizada pelo Grupo, registra o percurso de tutoria e as expectativas com a nova tutoria.

ENTREVISTA COM A TUTORA FRANCISCA FERREIRA MICHELON

1. Como surgiu o Grupo PET Conservação e Restauro?

O Edital que permitiu o surgimento do Grupo PET Conservação e Restauro foi lançado em 2009 e admitia a apresentação de até duas propostas de cursos específicos e até cinco propostas de conexões de saberes por cada instituição. Cada proposta era apresentada por um docente que poderia vir a ser o tutor do grupo, caso, no certame nacional, a proposta fosse selecionada. Havia cinco modalidades nos quais os trinta novos grupos poderiam ser criados e, no âmbito nacional, os aspectos gerais que comparariam propostas das regiões consideravam, qualitativamente, sete amplos itens. A aprovação da proposta do Grupo Conservação e Restauro, no acirrado panorama de disputa nacional, indicou que a natureza das ações fundamentavam-se sobre a inserção social da formação do conservador e restaurador. No contexto local e regional, a demanda por esse profissional manifestava-se nos patrimônios que se perdiam. E, considerando que a presença de um grupo PET no Curso também contribuiu para evidenciá-lo, foi uma vitória para o curso obter a aprovação.

2. Qual foram as principais contribuições do Grupo ao Curso durante a sua tutoria?

Permito-me fazer uma seleção emotiva daquelas ocorrências que considero as mais importantes do Grupo ao Curso, durante esses seis anos de existência. No entanto, é bom deixar claro que o recurso de seleção que emprego é a memória e há de se considerar, ainda mais sendo eu e todos nós, partícipes de um meio no qual se estuda com seriedade o fenômeno da memória social, que lembrarei do que me parece ser mais significativo. Parecer, nesse caso, pode ou não ser. No entanto, lembro como uma verdadeira conquista a agilidade adquirida pelo Grupo na organização, ano após ano, da recepção aos novos alunos, ingressos no processo seletivo que a UFPel utiliza. Inicialmente, o Grupo organizava um ato de recepção explicativo, que objetivava colocar os alunos ingressantes a par do funcionamento do curso. Conforme o tempo e a experiência avançaram, os próprios alunos do Grupo entenderam esse momento como oportunidade de confraternização. Sim, criamos alguns rituais de confraternização que se oportunizam nas datas comemorativas. Celebramos, desse modo, estar juntos e recebemos outros que assim queiram estar conosco. Aprendemos a afirmar a nossa condição de comunidade e

acabamos entendendo o que é atuar com um grupo. Somos nós e os demais. Acredito que o Grupo PET se tornou um vetor para o fortalecimento do grupo acadêmico do nosso Curso e da área do patrimônio cultural.

3. Na sua opinião, qual a função do Grupo para o Curso?

Seis anos é tempo suficiente para consolidar uma estrutura acadêmica. Durante esses anos, acabei acreditando que a principal função do Grupo foi contribuir para que a consolidação do Curso ocorresse e muitas ações foram feitas nesse sentido. Organizamos a primeira, segunda e terceira Jornadas de Museologia, Conservação e Restauro, buscando afirmar a aproximação entre os dois cursos. Mantivemos ações, sempre colaborativas, com o Museu do Doce, reafirmando que esse órgão é o local mais próximo e estruturado para a nossa prática formativa. Agimos continuamente com o corpo docente do Curso. Fizemos parcerias e sentimos a receptividade dos parceiros.

Comentários Finais

Afasto-me feliz da função de Tutora do Grupo PET Conservação e Restauro. Foram seis anos ingressando alunos e acompanhando a saída prevista ou não, de todos, até agora, quando sou eu que me afasto. Foram seis anos de muito aprendizado com todas e cada uma das pessoas que participaram do Grupo. Entre bons e maus momentos, resolvi guardar os melhores. Destaco as boas ideias, o entusiasmo pelos desafios e as, sempre e incansavelmente diferentes, personalidades que formaram o grupo. A cada nova pessoa que ingressava, o grupo tomava outro aspecto. De cada um que saía, determinada habilidade



Francisca Ferreira Michelin



afastava-se, irrevogável. O que mais aprendi nesses anos foi que o ser humano é surpreendentemente inédito. E tal ineditismo traduzia-se em movimento irrefreável de configurações inacabáveis. Talvez, por isso, seis anos tenham passado rápido. Portanto, é justo que tamanha experiência possa ser vivida por outros colegas. Nesse momento, no qual ingressamos

por seleção a nova tutora, vejo que o Grupo poderá renovar princípios. No processo de tutoria, a condução dos princípios faz-se, em grande medida, por meio do tutor. E a renovação é desejável. Integralmente renovado, o Grupo continuará em 2017 e que assim seja, por muitos anos. Longa vida ao PET Conservação e Restauro!

ENTREVISTA COM A TUTORA SELECIONADA PROF.^a DANIELE BALTZ DA FONSECA

1. Como surgiu o seu interesse em ser tutora do grupo PET Conservação e Restauro?

Sempre tive interesse em contribuir com nosso grupo PET, reconheço a importância do grupo dentro do curso de conservação e restauração e o impacto positivo que provoca na formação dos alunos que participam. A possibilidade de participar do grupo de forma direta, assumindo a tutoria, apresentou-se como uma oportunidade de aproveitar este momento especial da minha carreira em que concluí o doutorado e agora retorno às atividades docentes junto à UFPel com novas expectativas.

2. No seu planejamento, qual a atividade que considera será a mais importante para o grupo?

Acho difícil definir uma atividade como a mais importante. Eu acredito que é justamente na diversidade das ações propostas pelo grupo que se encontra o seu propósito e se forma sua identidade. Ao permitir que os alunos se envolvam em tarefas distintas dá-se a eles a oportunidade de vivenciarem o processo de solução de problemas que cada atividade impõe.

3. Na sua opinião, qual a função do Grupo para o Curso?

São diversas as funções, há funções que envolvem de forma mais direta os petianos, e sua formação acadêmica. O envolvimento na organização de atividades eleva o desenvolvimento de conhecimento para além do currículo oferecido num curso de graduação, abrindo espaço para o desenvolvimento pessoal e interpessoal por meio das “relações de trabalho” que oportuniza.

O curso de conservação e restauração como um todo se qualifica com a presença do PET. Isto acontece através das atividades extracurriculares que são desenvolvidas, mas

principalmente pelo papel agregador que estas atividades oferecem ao buscar a integração entre todos os alunos do curso.

Comentários Finais

Não é o professor ou o tutor quem gera o conhecimento nas pessoas, este poder está dentro de cada um, o professor ou o tutor é apenas aquele que oportuniza um conteúdo através de alguma experiência. Ao passar pela experiência o aluno adquire o conhecimento. Claro que há variáveis no processo, e de ambos os lados, desde a riqueza da experiência oportunizada até o envolvimento e interesse do aluno.

Nos anos que seguem, serei tutora e aluna, estarei ao mesmo tempo dos dois lados oportunizando e passando por distintas experiências de aprendizado. No final dessa estrada, espero perceber as transformações que o processo causou e mim e nos parceiros dessa jornada. Desejo poder olhar ao redor e ver as construções que foram erguidas e as amigadas que foram forjadas.



Daniele Baltz da Fonseca

Um forte abraço a todos e que tenhamos uma excelente jornada no Grupo PET Conservação e Restauração.